

FREUD E O COMUNISMO*

Mikhail Magid

Publicitário russo-israelense, especialista em política contemporânea do Oriente Médio.

No mundo moderno, a psicanálise é ocasionalmente associada às ideias socialistas radicais. Podemos recordar o nome de psicanalistas como Wilhelm Reich e Erich Fromm. Otto Fenichel, menos conhecido, por exemplo, é autor de “A Teoria Psicanalítica das Neuroses”, também se interessou por questões relacionadas ao marxismo e tentou combinar os dois ensinamentos, enviando cartas sigilosas a pessoas com ideias semelhantes, buscando-as persuadir a fazer o mesmo. Diversos pensadores pertencentes ao movimentos socialista se interessaram pela psicanálise, tais como Anton Pannekoek e Herbert Marcuse.

No entanto, o próprio criador da psicanálise, Sigmund Freud, tinha opiniões divergentes em relação ao movimento comunista. Ele estava cético quanto à possibilidade de mudança de sociedade, especialmente no que diz respeito à constituição de uma sociedade comunista. Aqui está o que ele escreveu sobre isso:

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. [...]. Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista [...], mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que os sistema se baseia são uma

* Tradução: Nildo Viana. Revisado pelo autor.



ilusão insustentável. Abolindo a propriedade privada, privamos a agressividade humana de uma das suas armas, sem dúvida poderosa, mas não a mais poderosa. Isso nada muda nas diferenças de poder e influência que são mal empregadas pela agressividade, nem tampouco alteramos algo em sua natureza. A agressividade não foi criada pela propriedade. Ela reinou quase sem limites nos tempos pré-históricos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e manifesta-se já no quarto das crianças, antes que a propriedade tenha abandonado sua a sua forma anal e primária. Ela constitui a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas [...]. Obviamente, não é fácil para as pessoas recusarem-se a satisfazer sua inclinação agressiva; elas não se sentem muito bem com isso. A vantagem de um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferecer, fornecendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é algo que possa ser desprezado. É sempre possível unir um grande número de pessoas através do amor, enquanto existirem outras pessoas que possam ser alvos de agressão. [...] é compreensível que a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontre o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que os soviéticos farão depois que tiverem eliminado os seus burgueses¹.

Quanto a nós, não pretendemos discutir com Freud do ponto de vista da psicanálise e estamos prontos a concordar com a ideia de que, se a propriedade privada for eliminada, a agressão humana não desaparecerá. Isto é bem coerente com as ideias científicas modernas. Deve-se concordar também com o que Freud escreveu sobre a propriedade privada – se ela for eliminada, desaparecerá um poderoso gerador de agressão, porque as pessoas deixarão de competir pela posse de vários objetos, a desigualdade, a luta entre ricos e pobres, etc. Mas Freud provavelmente está certo ao dizer que nem a agressão em si nem as suas outras fontes desaparecerão.

O problema de Freud começa quando ele mergulha no âmbito social, o qual compreende muito menos.

O que é o comunismo? É uma sociedade sem Estado e sem classes, uma “associação de indivíduos” na qual “o livre desenvolvimento de cada um é uma condição

¹ Cf. Sigmund Freud, “*O Mal-Estar na Civilização*” (NT – Nota do Tradutor).



para o livre desenvolvimento de todos”². Por outras palavras, é uma sociedade baseada na autogestão, semelhante à democracia direta ateniense, com a diferença de que no caso do comunismo a assembleia coletiva controla não apenas os processos políticos, mas também os econômicos associados à produção e ao consumo. A totalidade de tais grupos, que planejam conjuntamente a vida social, ao contrário do mercado e do Estado, é uma sociedade comunista. Ela supera a alienação das pessoas no processo de gestão de sua própria vida. Uma definição semelhante é oferecida pelo filósofo francês que desenvolveu as ideias de Marx, Guy Debord – um dos verdadeiros ideólogos da revolução francesa de 1968, defensor de uma revolução social realizada por assembleias de operários e por conselhos subordinados a elas, que coordenam o conjunto da sociedade³.

Ao contrário da opinião de Freud, a União Soviética não se assemelha a um projeto comunista, embora os ideólogos deste Estado afirmassem o contrário. A URSS foi criada no final de 1922. Naquela época, os mecanismos de democracia direta dos trabalhadores – os sovietes – haviam sido destruídos (ver, por exemplo, a coleção de documentos “O Movimento de Oposição dos Trabalhadores na Rússia Bolchevique. 1918”). Como resultado, o poder passou completa e totalmente para as mãos da liderança do Partido Bolchevique e do aparato estatal por ele controlado durante sete décadas. Quaisquer partidos, grupos ou assembleias da oposição foram proibidos. O aparato partidário-estatal controlava a economia e a vida pública, administrava autocraticamente as maiores fábricas, nomeando a sua gestão. Todos os trabalhadores da grande indústria trabalhavam para ele, entregando os produtos que produziam ao proprietário (ou seja, ao aparelho burocrático do Estado) em troca de uma compensação por parte do esforço despendido – um salário. Foi assim que funcionou o mecanismo de exploração (apropriação dos resultados do trabalho alheio). O Estado dispndia parte do lucro no consumo privilegiado da classe dominante (burocratas) e outra parte no desenvolvimento econômico, tal como fazem as empresas privadas. A desigualdade de propriedade continuou a existir e influenciou muito o comportamento das pessoas, dando origem à inveja e à competição – todos os que viveram na União Soviética se lembram disso.

² Cf. Karl Marx e Friedrich Engels, “*O Manifesto Comunista*” (NT).

³ Cf. Guy Debord, “*A Sociedade do Espetáculo*” (NT).

Algumas pessoas gostam deste sistema. Teve uma hierarquia harmoniosa, realizou a industrialização e urbanização do país. Outros não gostam dela. Mas, de qualquer forma, não se assemelha ao comunismo. Nem sequer era uma sociedade em transição para o comunismo. Sistemas socioeconômicos e políticos semelhantes foram formados em muitos países no século XX, mas em nenhum lugar isso levou ao surgimento do comunismo.

Contudo, o projeto comunista é imanente na história humana. Em algumas épocas manifesta-se sob forma mais forte; em outras, sob forma mais fraca. Talvez uma sociedade com algumas características do comunismo, que não conheceu hierarquias rígidas e propriedade privada, tenha existido durante milhares de anos na era do chamado “comunismo primitivo”. Comunidades comunistas também surgiram em sociedades estatais de classe e resistiram à sua influência – desde os primeiros cristãos, os paulicianos, os cátaros, os rebeldes de Fra Dolcino e uma série de outras seitas na Idade Média, até à Comuna de Paris ou às Comunas de Aragão nos séculos XIX e XX.

Ao contrário do que pensava Freud, a agressão não reinava suprema nas comunidades primitivas. Ele repete os equívocos típicos de sua época, que afirmavam que as sociedades de caçadores e coletores, os “povos primitivos”, eram selvagens brutais e sanguinários. Estudos de tais comunidades no século 20 refutaram esta opinião. Por exemplo, os bosquímanos do deserto de Kalahari não gostam de guerra. Embora, se necessário, possam ser mortais para alguém que use violência contra eles. Eles formam uma enorme comunidade essencialmente comunista, constituída por pequenos grupos autônomos de coletores e caçadores. Os grupos são unidos por laços de amizade e familiares, que são cuidadosamente mantidos. Eles estão quase perfeitamente adaptados ao difícil ambiente circundante para a sobrevivência. Se a área de residência de tal coletivo sofrer com a seca, o coletivo se dissolve e seus membros se dispersam para comunidades vizinhas ou amistosas.

Assim, no lugar dos “selvagens sanguinários” – imagem preferida da literatura de aventura europeia do século XIX – encontramos uma civilização complexa e harmoniosa, à sua maneira, embora não isenta de problemas e não familiarizada com as tecnologias modernas. A agressão entre os bosquímanos é bastante rara.



É claro que nem todas as sociedades de caçadores-coletores são assim. Algumas são extremamente agressivas e perigosas para os outros. Mas ninguém afirma que o homem seja uma criatura ideal. Acontece que tanto as pessoas como as civilizações são muito diferentes. Os bosquímanos são perfeitamente capazes de controlar sua agressão, acionando-a apenas quando é realmente necessário, por exemplo, para eliminar criminosos especialmente perigosos.

Por alguma razão desconhecida, Freud identifica, nesse texto, a agressão com o “mal”. Ele segue as opiniões cristãs sobre esta questão ou as suas próprias fantasias? Não sabemos, mas suas afirmações são duvidosas (em seus trabalhos científicos, Freud tenta descobrir as fontes da agressão, discutindo as raízes mentais desse fenômeno. Os pesquisadores modernos apresentam várias explicações para sua existência; muitos a consideram uma propriedade biologicamente determinada de uma pessoa).

Agressão não é o mesmo que maldade. Por exemplo, as revoluções europeias que puseram fim às monarquias absolutas não foram, evidentemente, do nosso ponto de vista, um modelo e muitas coisas más podem ser ditas sobre elas, mas, mesmo assim, graças a estes acontecimentos, as pessoas tornaram-se um pouco mais livres do que na época em que se submeteram aos caprichos dos tiranos – reis e aristocratas.

Além disso, a agressão pode ser dirigida não contra pessoas, mas contra dificuldades que precisam ser superadas, sejam doenças, capacidades limitadas da tecnologia, espaços gigantescos que impedem de chegar às estrelas, etc.

As consequências da destruição da agressão enquanto tal seriam, com toda a probabilidade, monstruosas, como mostra a antiutopia do escritor polaco de ficção científica, Stanislaw Lem, *Return from the Stars*⁴. Mas o ideal liberal, ou melhor, liberal de esquerda de total não-violência – nem quente nem frio, um mundo morno de “mingau”⁵, como lhes chamam os heróis de Lem –, muito provavelmente não é de todo realizável.

⁴ Edição Portuguesa: *O Regresso das Estrelas* (NT).

⁵ A tradução portuguesa de *Return from the Stars* (“*O Regresso das Estrelas*”) utiliza o termo “papa” (no sentido de “papinha” de criança) e o termo russo é de difícil tradução, podendo significar “algo saboroso” (delícia ou delicioso), ou som infantil quando uma criança se alimenta, como “nham-nham”. Optamos pelo uso da palavra “mingau” em seu sentido figurado, ou seja, algo sem sabor, ou “água-com-açúcar”,